

Editora Raio de Sol

**Estudos em**  
**escrita**  
**criativa**

Organização  
Patricia Gonçalves Tenório



# Estudos em escrita criativa

Organização:

Patricia Gonçalves Tenório

Artigos & Depoimentos:

Vários autores

Recife, PE  
Dezembro, 2021

Raio de Sol

Copyright © Adriano Portela, Alexandra Lopes da Cunha, Altair Martins, Andrezza Postay, Antonio Aílton, Bárbara Correia, Bernadete Bruto, Bernardo José de Moraes Bueno, Camilo Mattar, Cleyton Cabral, Cristina Albert Mesquita, Daniel Gruber, Elba Lins, Fernando de Albuquerque, Fernando de Mendonça, Fred Linardi, Gisela Rodríguez, Guilherme Azambuja Castro, Gustavo Melo Czekster, Hugo César, Julia Dantas, Juliana Almeida Cordeiro, Lara Ximenes, Lourival Holanda, Luiz Antonio de Assis Brasil, Luís Roberto Amabile, Maria do Carmo Nino, María Elena Morán Atencio, Moema Vilela, Patricia Alves, Patricia Gonçalves Tenório, Raldianny Pereira, Renata Rolim, Talita Bruto, Tiago Germano, 2021

**Conselho Editorial:** Alexandre Furtado (UPE), Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE), Marcelo Coutinho (UFPB), Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS), Maria Eunice Moreira (PUCRS)

**Organização dos originais:** Patricia Gonçalves Tenório

**Capa e projeto gráfico:** Jaíne Cintra

**Design:** Hana Luzia

**Revisão:** Ana Lucia Gusmão e Sandra Freitas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estudos em escrita criativa / organização Patricia  
Gonçalves Tenório. - Recife, PE : Editora Raio de Sol, 2021.  
Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-89453-04-8

1. Criação (Literária, artística etc.) 2. Escrita criativa I. Tenório,  
Patricia Gonçalves.

21-92778

CDD-808.02

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Criação : Escrita : Literatura 808.02

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

**Um sonho é o único  
direito que não se  
pode proibir.  
(Glauber Rocha)**

# Manuel Bandeira

## A vida inteira

**Altair Martins**

*Estrela da vida inteira* (primeira edição em 1966) reúne em seu conjunto dez livros de poesia produzidos durante a vida de Manuel Bandeira, além de poemas que traduziu dos mais diversos autores com cuja leitura manteve afinidade. Trata-se, assim, de um texto equivalente a uma obra completa. Talvez em nenhum outro poeta vida e poesia tenham se confundido tanto quanto neste “provinciano que nunca soube/ escolher bem uma gravata” (do poema *Autorretrato*).

Nos dois primeiros livros — *A cinza das horas* (1917) e *Carnaval* (1919) — anteriores à *Semana de Arte Moderna* (1922), manteve o poeta uma feliz conjugação de regularidade formal e presença de ritmos e sons, heranças nítidas do Simbolismo e do Parnasianismo. O Neossimbolismo, aliás, começou a se caracterizar por toda a poesia moderna a partir de Manuel Bandeira e de seus versos plenos de aliterações e assonâncias. A constante quebra da regularidade, contudo, antecipava seu esgotamento. Manuel Bandeira experimentava, já nos primeiros textos, rupturas com a formalidade em voga, como ocorre em *Desencanto*, espécie de soneto que morre antes da hora (espelho de uma vida sempre ameaçada):

### ***Desencanto***

Eu faço versos como quem chora  
 De desalento... de desencanto...  
 Fecha o meu livro, se por agora  
 Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...  
Tristeza esparsa... remorso vão...  
Dói-me nas veias. Amargo e quente,  
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca.

— Eu faço versos como quem morre.  
(BANDEIRA, 1993, p. 43)

Talvez por ter se equilibrado entre a tradição e as novidades (da qual teria sido, segundo Mario de Andrade, o “São João Batista do Modernismo”), Bandeira marcou um lugar aberto à ocupação de tantos outros, contribuindo para que a poesia moderna não se perdesse nos radicalismos. Todos fizeram usucapião de Manuel Bandeira. E se isso de fato é mérito dele, conforme assinala Wilson Martins, se dá justamente pela simplicidade (a que Davi Arrigucci Jr. chamará de “humildade”) — uma simplicidade de homem comum, que escreve uma poética própria, sem interesse de impô-la a quem quer que seja, mas tão autêntica que se fez presente em todos que vieram a seguir:

Toda grandeza, todo segredo de Manuel Bandeira está em ter sido, durante quarenta anos, o ‘uomo qualunque’ da poesia brasileira. Entendamo-nos bem: não pretendo diminuir-lhe no que quer que seja a altíssima eminência poética, nem fazer-lhe qualquer restrição criticamente insustentável. Mas, contemporâneo das grandes e das ruidosas revoluções de rua na República das Letras, vindo da aristocracia do Simbolismo para as lutas de gladiadores e para os entremezes cômicos do Modernismo, convivendo com o mais desorientado hermetismo e

com as mais desproporcionadas pretensões de reforma da linguagem poética, inaugurando, em nosso país, o verso livre, mas conservando sempre, na mais luzida forma, todos os seus virtuosismos parnasianos, espectador, talvez risonho e divertido, de todas as gerações que se sucederam e que, turno a turno, “inventavam” a poesia — ele se contentou em ser o que era, evoluindo lentamente ao sabor das estações, aperfeiçoando o seu instrumento, enriquecendo a sua sensibilidade, vivendo jornaleira e sinceramente a poesia [...] o poeta se contentou em escrever modestamente e solitariamente a sua obra [...] (MARTINS, 1969, pp. 211-212)

Do ponto de vista do seu pioneirismo, *Os sapos*, por sinal o poema que Bandeira deixou para ser recitado na segunda noite da Semana de Arte Moderna por Ronald de Carvalho (o público entrou em alvoroço, imitando sons de bichos e repetindo o refrão “foi, não foi”), representa bem a ruptura. Trata-se não só de uma paródia à Profissão de fé parnasiana, de Olavo Bilac, como também se constitui numa espécie de manifesto do deboche moderno. Note-se que a estrutura segue, em certa medida, o espírito beletrista que perdurou até o início do século XX:

***Os sapos***

Enfunando os papos,  
Saem da penumbra,  
Aos pulos, os sapos.  
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,  
Berra o sapo-boi:  
— “Meu pai foi à guerra!”  
— “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”.



O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: — “Meu cancioneiro  
É bem martelado.

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos!

O meu verso é bom  
Frumento sem joio  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A formas a forma.  
(BANDEIRA, 1993, p. 80)

A partir de *Ritmo dissoluto* (1924) e de *Libertinagem* (1930), a poesia de Manuel Bandeira, sob todos os aspectos, inseriu-se na modernidade dos anos 20, influência direta da Semana de Arte Moderna. Sua poesia, aliás, apesar de ter iniciado antes da Semana de Arte Moderna (*A cinza das horas* e *Carnaval*), caracterizou-se a partir de então por certo caráter combativo: a irreverência, o deboche e a ironia (que já se haviam pronunciado em *Os sapos*) marcaram a constante luta pela liberdade artística. Isso fica bastante visível em alguns célebres poemas, como *Poética* — verdadeiro manifesto da poesia moderna —, do livro *Libertinagem*. Visível é também a revolução em termos de verso: Bandeira consolidou definitivamente o verso livre e branco,

brincando com linhas melódicas que, de tão longas, ou extrapolam a página ou a respiração do leitor. Diz-se que, depois de Bandeira, tudo era possível em termos de verso. Na verdade, o poeta buscava manifestar-se performaticamente pela liberdade completa dos ritmos:

*Poética*

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo  
[e manifestações de apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho  
[vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas  
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquítico  
Sifilítico  
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante exemplar  
[cem modelos de cartas e as diferentes  
[maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(BANDEIRA, 1993, p. 129)

Mas ocorreu também uma revolução no campo da linguagem. Primando pela simplicidade, Bandeira alcançava o humor, fazendo questão de aproveitar as palavras do dia a dia, o vocabulário prosaico, gírias, neologismos, carregando, também, na ironia:

***Porquinho-da-índia***

Quando eu tinha seis anos

Ganhei um porquinho-da-índia.

Que dor de coração me dava

Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele pra sala

Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos

Ele não gostava:

Queria era estar debaixo do fogão.

Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

(BANDEIRA, 1993, p.130)

Quanto às questões temáticas, Manuel Bandeira soube ser moderno: há em sua poética uma mistura constante de mundo e pessoalidade. Como afirma Mário da Silva Brito, apesar de colher o mundo, o eu lírico de Bandeira esteve sempre ocupando as frestas, como um habitante experiente diante das possibilidades, verdadeiro cronista em verso:

Sua poesia — mesmo a realizada na linha do cotidiano, ou inspirada nas sugestões do folclore, ou partida de temas prosaicos e até

vulgares, de certa visão ora ingênua, ora simples e pitoresca, ou traduzida de maneira hermética e surrealista, ou apoiada em experiências formais aparentemente delirantes e incoerentes — nunca deixa de ser pessoal, atenta aos valores universais, e marcada pelo ideal de conjugar, perfeitamente, texto e contexto. (BRITO, 1968, p. 60)

Essa interiorização do mundo ao redor levou-o, muitas vezes, a um tom reflexivo, novamente melancólico. A melancolia, bastante presente na obra de Manuel Bandeira, talvez fosse fruto de um romantismo tardio que se desenvolveria na poesia dos anos 30 em diante. No poeta, especificamente, marcou-se pela presença constante do medo da morte, sobretudo devido à tuberculose que o afligiu na infância:

***Pneumotórax***

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.  
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.  
Tosse, tosse, tosse.  
Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três ... trinta e três...

— Respire.

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão [direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(BANDEIRA, 1993, p. 128)

Como poeta recluso, Bandeira investiu nos temas do seu íntimo. E essa personalização conduziu o poeta ao resgate de algu-

mas questões universais, embora tivesse, como ponto de partida, temas como a sua infância no Recife, seus parentes e amigos — caso de Evocação do Recife:

Recife  
Não a Veneza americana  
Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais  
Não o Recife dos Mascates  
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —  
Recife das revoluções libertárias  
Mas o Recife sem história nem literatura  
Recife sem mais nada  
Recife da minha infância [...]  
(BANDEIRA, 1993, p. 133)

A família, por sinal, constituiu outro núcleo constante de sua poesia: Irene, a ama de leite; o avô; Rosa, a primeira namorada; os vizinhos...

***Profundamente***

Quando eu tinha seis anos  
Não pude ver o fim da festa de São João  
Porque adormeci  
Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo  
Minha avó  
Meu avô  
Totônio Rodrigues  
Tomásia  
Rosa  
Onde estão todos eles?  
— Estão todos dormindo  
Estão todos deitados

Dormindo  
 Profundamente.  
 (BANDEIRA, 1993, p. 139)

***Irene no Céu***

Irene preta  
 Irene boa  
 Irene sempre de bom humor.  
 Imagino Irene entrando no céu:  
 — Licença, meu branco!  
 E São Pedro bonachão:  
 — Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.  
 (BANDEIRA, 1993, p. 142)

Ainda vale lembrar o Manuel Bandeira da fantasia, da evasão do mundo. Imaginando situações fantásticas, países distantes e paradisíacos, mulheres, imagens, o poeta brincou com a realidade aparente, provocando com outra, melhor, porque inventada. Observemos o paródico Vou-me embora pra Pasárgada, que, além de recuperar os medos e limitações da infância tísica, propõe uma outra possibilidade de vida:

***Vou-me embora pra Pasárgada***

Vou-me embora pra Pasárgada  
 Lá sou amigo do rei  
 Lá tenho a mulher que eu quero  
 Na cama que escolherei  
 Vou-me embora pra Pasárgada  
 Vou-me embora pra Pasárgada  
 Aqui eu não sou feliz  
 Lá a existência é uma aventura  
 De tal modo inconsequente

Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha falsa e demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei em burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei —

Terei a mulher que eu quero  
 Na cama que escolherei  
 Vou-me embora pra Pasárgada.  
 (BANDEIRA, 1993, p. 143)

A partir de *Estrela da manhã* (1936), é impossível considerar a poesia de Manuel Bandeira sem que se relacione a força temática do cotidiano, dos temas prosaicos, colhidos até mesmo de notícias de jornal. Aqui, Bandeira foi um inovador que assusta: “tirou” poesia de objetos, de pessoas simples que perambulavam pelas ruas, ou mesmo de propagandas, como no antológico *Balada das três mulheres do sabonete Araxá*. Todo composto por colagens de outros autores, o poema tem um ar cubista, além de conversar com os princípios da *Pop Art*, inflando vicissitudes com força estética:

***Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá***

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me  
 [hipnotizam  
 Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!  
 O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra cortem  
 Para brutal vos adorarem,  
 Ó brancaranas azedas,  
 Mulatas cor da lua vêm saindo cor de prata  
 Ou celestes africanas!  
 Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete  
 [Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete  
 [Araxá?



São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?  
São as três Marias?  
Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.  
Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e  
[nunca mais telefonava.  
Mas se a terceira morresse... Oh, então nunca mais a minha vida  
[outrora teria sido um festim!  
Se me perguntassem: Queres ser estrela? Queres ser rei? Queres uma  
[ilha no Pacífico? Um bangalô em Copacabana?  
Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três  
[mulheres do sabonete Araxá:  
O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!  
(BANDEIRA, 1993, p. 150)

Baudelaire, falando sobre o pintor Constantin Guys, assinalou um traço de modernidade que se aplica justamente ao Manuel Bandeira: a ideia de que o artista moderno é aquele que sabe recolher, das efemérides da vida corrente, sua parcela de eternidade:

[...] esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples flâneur, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de *modernidade* [...] Trata-se, para ele, de tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório. (BAUDELAIRE, 2006, p. 859)

Por isso, como bem atestou Davi Arrigucci Jr., ao desentranhar a poesia do mundo, Bandeira também se confessa, fazendo da sua lírica uma simbiose do sujeito moderno, assim:

[...] Bandeira acabou forjando um método de construção que consistia em *desentranhar* a poesia do mundo, como quem tira ouro da ganga, a golpes de bateia. Esse verbo, que ele gostava de empregar para designar o ato decisivo que definia seu ofício de poeta, guarda sob sua feição material de “*tirar das entranhas*” o valor expressivo de “tirar do íntimo ou do coração”, e ainda a ligação profunda com o sentimento *cognitivo* de *dar a ver*, de dar a conhecer ou trazer à luz, de revelar o oculto (como o vidente que lê o mistério oculto nas entranhas). Assim se reúnem nessas acepções três modos de conceber a poesia, implicados nos próprios meios de buscar o poético e de dar forma ao poema, conforme os concebeu um dia o poeta. Em primeiro lugar o procedimento de desentranhar a poesia como quem tira o metal nobre das entranhas da terra [...]

O mesmo movimento que constrói revela a interioridade do sujeito e do objeto unidos, em amorosa e iluminada entrega. Representar mimeticamente um objeto equivale, neste caso, a penetrar até o seu modo de ser mais íntimo, a imitar a natureza, no que se revela, simultaneamente, o modo de ser do imitador, do sujeito que constrói a imitação. Ao falar do outro, o poeta fala de si mesmo; ao falar do mundo, a poesia de algum modo fala também de si mesma, porque há um momento em que tudo é um só, para uma tal concepção do ato poético. (ARRIGUCCI JR., 1990, pp. 29-30)

Porém, a fatia de Manuel Bandeira que mais rompeu o tempo, permanecendo na atualidade do homem que viria, é a dos versos filosóficos, atingindo questões existenciais que o colocam confortavelmente ao lado dos poetas da segunda fase do Modernismo brasileiro, aquela contemporânea do primeiro Drummond:

***Momento num Café***

Quando o enterro passou  
Os homens que se achavam no café  
Tiraram o chapéu maquinalmente

Saudavam o morto distraídos  
Estavam todos voltados para a vida  
Absortos na vida  
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado  
Olhando o esquife longamente  
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade  
Que a vida é traição  
E saudava a matéria que passava  
Liberta para sempre da alma extinta.  
(BANDEIRA, 1993, p. 155)

Contudo, a partir dos anos 40, em especial em *Lira dos cinquenta* anos, houve espaço para a retomada dos seus conhecidos temas, como a morte, a confissão e a melancolia — temas associados à sua biografia:

### ***Testamento***

O que não tenho e desejo  
É que melhor me enriquece.  
Tive uns dinheiros — perdi-os...  
Tive amores — esqueci-os.  
Mas no maior desespero  
Rezei: ganhei essa prece.  
[...]

Criou-me, desde eu menino,  
Para arquiteto meu pai.  
Foi-se-me um dia a saúde...  
Fiz-me arquiteto? Não pude!  
Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra.  
 Não faço porque não sei.  
 Mas num torpedo-suicida  
 Darei de bom grado a vida  
 Na luta em que não lutei!  
 (BANDEIRA, 1993, p. 181)

Ainda assim, Manuel Bandeira não esqueceu as questões sociais tão caras à poesia dos anos 50, tratando-as de maneira universal. É fato: ele não foi um poeta atento a questões politicamente localizadas (tendo percorrido épocas de guerras mundiais, de ditaduras no Brasil, jamais se ateve a esses temas). Interessava-lhe, sobretudo, a degradação humana, como no antológico *O Bicho* (de *Belo belo*, 1948) e *Meninos carvoeiros* (de *Ritmo dissoluto*, 1924):

***O Bicho***

Vi ontem um bicho  
 Na imundície do pátio  
 Catando comida entre os detritos.

Quando encontrava alguma coisa,  
 Não examinava nem cheirava:  
 Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
 Não era um gato,  
 Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.  
 (BANDEIRA, 1993, p. 201)

Em *Opus 10* (1952) é impossível não notar que a subjetividade ainda intervinha de modo fulcral, fosse pelo olhar arguto com que soube colher poesia do mais simples cotidiano, fosse pela capacidade de colocar-se no lugar dos outros seres. A morte, companheira em vida do poeta, parece ser o tema dominante. Consoada, poema dos mais antológicos, representa aquilo que na vida do poeta funcionou como uma espécie de crônica da morte anunciada que nunca vinha. Romântico tardio, o poeta pernambucano demonstrava afetação e, apesar disso, certo conformismo com a morte:

***Consoada***

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.  
(BANDEIRA, 1993, p. 223)

*Estrela da tarde* (1963) se configurou como o livro do “pôr-do-sol” da vida, através do qual Bandeira realizou visitas, inclusive a si mesmo. Acudiram-lhe temas como homenagens a vários amigos, o louvor a cidades, além de sintonizar o poeta com novas tendências, como o concretismo. É assim que Antologia, verdadeiro poema-colagem, é um resumo perfeito de sua produção:

***Antologia***

A vida não vale a pena e a dor de ser vivida.  
Os corpos se entendem mas as almas não.  
A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Vou-me embora pra Pasárgada!  
Aqui não sou feliz.  
Quero esquecer tudo:

— A dor de ser homem...

Este anseio infinito e vão  
De possuir o que me possui.

Quero descansar  
Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei...  
Na vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Quero descansar.  
Morrer.  
Morrer de corpo e alma.  
Completamente.  
(Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir)

Quando a Indesejada das gentes chegar  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.  
(BANDEIRA, 1993, p. 252)

## Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. In *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BRITO, Mário da Silva Brito. *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GONZAGA, Sergius. *Guia de leitura de Estrela da vida inteira*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2008.

MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira: o modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969.